

Dora Kramer*

Flávio Bolsonaro sobe e pode cair em nome do pai

Um senador da República pedindo dinheiro ao operador de escandalosa fraude financeira, a quem trata de “irmão”, é tudo menos uma transação corriqueira “de um filho procurando patrocínio privado para um filme privado sobre a história do próprio pai”.

A conversa de Flávio Bolsonaro (PL) com Daniel Vorcaro abre o baú de esqueletos com potencial de mudar o rumo desta eleição. Evidência a relação de proximidade de um candidato a presidente com um personagem cujos golpes envolvem dinheiro público, a quem ele cobra colaboração para a produção de uma

peça de propaganda do pai ex-presidente, para ser usada na campanha eleitoral.

Não há nada de privado nisso. Há, sim, o flagrante de agressão ao interesse público no qual se inscreve, além do descrito acima, o fato de o pretendente a comandar a nação ter mentido aos correligionários e, sobretudo, aos que até agora o indicavam como favorito nas pesquisas de intenções de votos.

O impacto negativo na candidatura está posto, faltando apenas medir a extensão do estrago para se esclarecer se Flávio Bolsonaro consegue se livrar do enrosco, se terá de sair

de cena da disputa presidencial ou se prosseguirá mesmo tendo de arrastar essa corrente.

A julgar pela rapidez com que companheiros do PL consideraram o tiro como mortal, começando a falar em substituição, parece ter sido a deixa que esse pessoal esperava para escantear o senador. Colegas da ala direita —Ronaldo Caiado (PSD), Romeu Zema (Novo) e Renan Santos (Missão)— tampouco se perfileram ao lado dele. Ao contrário, aproveitaram a oportunidade para marcar distância.

Na ausência de tropa de choque aguer-

rida, a reação fragiliza a retaguarda do senador e cria um rombo na estratégia de defesa já prejudicada pela negativa inicial seguida pelo desmentido nos áudios. Foi pego na mentira e deixou os correligionários vendidos pela quebra de confiança.

Sendo o destino moleque travesso, o pai que lhe assegura ascensão com o capital do sobrenome o coloca na contingência de um tombo fatal.

***Jornalista e comentarista de política**

Jolivaldo Freitas*

Estados Unidos perdem mais uma guerra

Vamos começar este tour puxando a meada do novelo bem atrás no tempo lembrando o que aconteceu com a grande potência militar conhecida e temida como Roma. Foram séculos de poderio militar até que a coisa desandou a passou a ver sua supremacia militar declinando já no século IV. Depois foi levando cacetadas de 378 e 410, e derrocada oficial no Ocidente por volta de 476. Ocorreu foi mesmo um grande desgaste para a superpotência. O que? Vários fatores como prepotência, arrogância dos políticos e equívocos na política externa com o agravante de crise na política e na economia internas.

Lembrou alguma coisa? Está parecendo que o filme se repete? Donald Trump, feliz proprietário da maior força militar do planeta, do alto do seu pimpão, que pare-

ce tirado do personagem de histórias em quadrinhos “Pimentinha” errou com o Irã que não é flor que se cheire. Agora alterna ameaças de “bombardeios e sanções nunca vistas” com discursos otimistas sobre um possível acordo nuclear. O Irã nega e almeja que os EUA paguem pelos estragos que fez até agora na estrutura civil e militar do país. Os americanos não mais conseguem impor unilateralmente suas condições ao Oriente Médio.

O presidente “Pimentinha” foi quem abandonou o acordo nuclear de 2015 em 2018. Apertado vem tentando levantar uma ponte diplomática que havia estilhaçado. Os americanos ainda são imensa potência, mas a história - mais ou menos recente - tem mostrado que isso não basta para vencer uma guerra. Lembre-se que penou na Coreia.

Teve de sair do Vietnã, do Iraque e no Afeganistão foi uma correria que Deus nos acuda. Contra o Irã, a situação é ainda mais delicada. Falta a frente convencional de batalha e tome drones e mísseis, mas o Estreito de Ormuz e o Mar Vermelho – importantes para o comércio global – estão conflituados.

Trump começou a sentir o baque quando a inflação mostrou seus caninos, os postos de gasolina que são verdadeiros templos para os americanos encharcaram as placas com aumentos sucessivos nos valores dos combustíveis e a comida ficou cara. Hoje, 60 por cento do povo norte-americano rejeitam a guerra. Vem aí o período eleitoral.

Que “pressão econômica máxima” que nada. Os iranianos exportam para a China e Rússia. Trump busca um grande acordo, mas não aceita qualquer acordo e seu

cinto vai apertando. O Irã, que era para – na visão ou vontade de Trump – estar aniquilado em dias, agora ameaça elevar o enriquecimento de urânio para níveis próximos aos de uso militar se os americanos retomarem os ataques.

Vietnã, Iraque e Afeganistão mostram que ter canhões não garante vitória política. A ação militar – veja que a maioria dos países da União Europeia não entrou no esparro - fracassou. Trump não é bobo (e nunca foi visionário) já sabe que essa guerra é um nó que nem Alexandre, o Grande, resolveria o enigma.

***Escritor e jornalista. Autor de “Manual Sintético e Minimalista Para Entender Um Pouco de Política e Ideologia” – e-book Amazon.**

Vinicius Lummertz*

Capitalismo para Todos: Desenrola ou Credit Score?

O livro *Capitalism for All*, de John Hope Bryant, parte de uma ideia simples e poderosa: o capitalismo só permanece legítimo quando funciona para a maioria das pessoas.

Não se trata apenas de mercado. Trata-se de acesso.

Acesso ao crédito, ao investimento, à formação de patrimônio e à possibilidade concreta de ascensão social.

É justamente aí que surge uma diferença profunda entre o debate brasileiro e a lógica das economias mais dinâmicas do mundo.

O Desenrola Brasil atua depois que a dívida virou problema. O credit score atua antes que ela aconteça.

O Desenrola renegocia passivos já existentes. O credit score cria condições permanentes para premiar o bom comportamento financeiro.

Um é defensivo. O outro é construtivo.

O Desenrola oferece descontos e reorganiza dívidas vencidas. Tem importância social pontual, especialmente em um país com dezenas de milhões de inadimplentes. Mas atua sobre a consequência.

O credit score atua sobre a causa.

Ele funciona como uma espécie de currículo financeiro permanente. O sistema reúne histórico de pagamentos, pontualidade, endividamento e relacionamento financeiro do cidadão para medir risco individual. Quanto melhor o histórico, maior o score. Quanto maior o score, menores os juros e maior o acesso ao capital.

O bom pagador é premiado continuamente.

Foi exatamente isso que os Estados Unidos começaram a construir desde os anos 1950, posteriormente aperfeiçoado pela Fair Isaac Corporation.

Um jovem começa utilizando um pequeno cartão de crédito. Paga corretamente suas contas. Seu score sobe. Os juros caem. O limite aumenta. O banco oferece mais crédito, e mais barato.

O sistema passa a confiar e apostar nas pessoas.

Isso reduz spreads bancários, amplia a concorrência, diminui riscos e acelera investimentos. O risco deixa de ser tratado como coletivo e passa a ser individualizado.

É justamente essa lógica que atravessa o livro de Bryant, reforçada por Michael Milken e Andrew Young, histórico aliado de Martin Luther King Jr.

Andrew Young remete diretamente a King ao lembrar que liberdade política sem oportunidade econômica torna-se incompleta. Acesso ao capital e educação financeira passam a ser vistos como direitos civis modernos.

Capitalismo sem acesso ao capital deixa de ser capitalismo pleno. Aproxima-se do feudalismo financeiro.

Michael Milken, por sua vez, alerta para o enfraquecimento da mobilidade social e da classe média americana. Por isso, criou o Center for the American Dream, dedicado justa-

mente a revitalizar o sonho americano.

Na lógica do sonho americano, o capitalismo só funciona quando amplia escadas sociais.

E talvez esteja exatamente aí uma das diferenças mais profundas entre sociedades dinâmicas e sociedades estagnadas.

Economias bem-sucedidas apostam na capacidade produtiva da população. Apostam no pequeno empreendedor, nas microempresas, nas startups, no comércio local, na criatividade econômica das famílias e na formação contínua da classe média.

Os Estados Unidos compreenderam isso ao longo do século XX.

A China também compreendeu, por outro caminho histórico. Seu crescimento extraordinário ocorreu não apenas pela industrialização, mas pela gigantesca mobilização produtiva de centenas de milhões de pessoas que passaram a empreender, consumir, investir e ascender socialmente.

As duas maiores economias do planeta entenderam algo semelhante: sociedades prosperam quando milhões de pessoas conseguem subir degraus econômicos.

E isso não funciona por soma. Funciona por multiplicação.

Cada pequeno negócio que cresce, cada família que compra uma casa, cada jovem que consegue crédito para estudar ou empreender produz um efeito multiplicador sobre toda a economia.

É isso que cria uma verdadeira classe média.

O Brasil, porém, ainda parece distante desse debate. Nosso chamado cadastro positivo surgiu apenas em 2011 e ganhou adesão automática em 2019. Mas continua limitado, funcionando muito mais como um registro complementar de pagamentos do que como um verdadeiro sistema estrutural de credit score.

Aqui, frequentemente, até o bom pagador continua pagando caro.

O banco brasileiro não precifica apenas o cliente. Precifica a instabilidade do país inteiro. Resultado: o spread bancário brasileiro permanece entre os maiores do mundo.

O Desenrola Brasil tenta reorganizar o passado. O credit score organiza o futuro.

Um administra consequências. O outro multiplica oportunidades.

Talvez esteja aí uma das grandes escolhas econômicas do Brasil nas próximas décadas: continuar administrando fragilidades ou começar, finalmente, a construir um capitalismo positivo, baseado em confiança, mobilidade social e acesso amplo ao capital.

O credit score funciona há mais de 70 anos nos Estados Unidos. Por que ainda não funciona plenamente aqui?

***Vinicius Lummertz é Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo.**